

*REFLEXÕES ACERCA DO ESTIGMA  
DO ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>*

Selena Mesquita de Oliveira Teixeira<sup>2</sup>  
Fernanda Xavier Santiago Marinho<sup>3</sup>  
Dorinaldo de Freitas Cintra Junior<sup>4</sup>  
José Clerton de Oliveira Martins<sup>5</sup>

resumo

O processo de envelhecimento humano possui suas peculiaridades e estabelece uma correspondência direta entre a maneira como as pessoas envelhecem e a representação que uma determinada cultura institui sobre o envelhecer. Com isso, este artigo propõe uma reflexão acerca do estigma de envelhecer na contemporaneidade. Os resultados apontam para a compreensão do processo de “tornar-se idoso” como uma experiência ambígua, na medida em que se percebe a distinção entre o sujeito em envelhecimento e o sujeito

---

1 Financiamento: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

2 Graduada em Psicologia. Mestranda em Psicologia. E-mail: selenateixeira@hotmail.com

3 Graduada em Psicologia. Mestranda em Psicologia. E-mail: fernandaxsmarinho@gmail.com

4 Graduado em Psicologia. Mestrando em Psicologia. Professor da Faculdade Vale do Salgado (FVS) vinculado ao curso de Psicologia. E-mail: dorinaldojr@gmail.com

5 Graduado em História. Doutor em Psicologia. Professor Titular da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: jclertonmartins@gmail.com

envelhescente. O envelhecer apresenta-se acompanhado de uma história de vida, e este é um dos aspectos fundamentais da maneira como o sujeito envelhece. A representação de velhice enraizada na sociedade atual exerce forte influência na qualidade desse processo. Os idosos nas sociedades contemporâneas são, em geral, vistos como problema social, ocasionando o sofrimento psíquico desses sujeitos. Observou-se que a velhice é um construto social, assim como o ser humano em sua essência, ou seja, diversos são os aspectos que influenciam o estilo de vida, os valores e os padrões sociais e, conseqüentemente, os modos de ser do sujeito e as estruturas psíquicas que o constituem.

palavras-chave

Envelhecimento. Estigma Social. Contemporaneidade.

## 1 Introdução

Previsões demográficas apontam que, no ano de 2020, o mundo será habitado por cerca de 1,2 bilhão de idosos. Nesse mesmo período, os brasileiros com mais de 60 anos corresponderão a 34 milhões de pessoas, tornando-se a sexta população mais envelhecida do mundo (MINAYO; COIMBRA JR., 2002).

Em decorrência, especialmente, do aumento da expectativa de vida na contemporaneidade, o processo de envelhecimento humano passou a ser investigado em suas mais variadas perspectivas, atraindo o interesse de pesquisadores de diferentes campos científicos. Nesse cenário, o envelhecer passou a ser estudado como fenômeno social, sobretudo por ir além das mudanças biológicas, sendo observado em seus múltiplos contornos (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

Contudo, o ser humano caminha a passos lentos no que se refere a cultivar vivências que ofereçam base para o envelhecimento saudável, processo comumente associado ao sofrimento psíquico na contemporaneidade.

Pensar no envelhecimento dentro de uma realidade regida pelo capitalismo é uma experiência que possibilita perceber estigmas, sobretudo o de ser “velho”, o que frequentemente é associado à ideia de sofrimento, mal-estar, declínio, fragilidade e perdas, tanto para o sujeito que envelhece como para os que convivem com ele (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

O processo de envelhecimento é internalizado de maneira estigmatizada pelo próprio idoso, além de representar uma ameaça à autoestima e aceitação de si, tornando-o pessoa vulnerável a sofrimentos psíquicos e enfermidades de diversas naturezas (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

A partir disso, compreende-se que, ao nascer, o ser humano se insere em um contexto social permeado de representações sociais e estigmas. Dessa forma, com o passar dos anos, vai internalizando tais concepções e, por fim, chega à maturidade embutido de preconceitos referentes à sua própria condição. O idoso carrega preconceitos no tocante à maneira de perceber a maturação, visualizando-a como algo que lhe diz respeito diretamente ou negando-a, como se se sentisse fora dessa fase da vida.

Esse contexto de negação acaba por resultar no que Berlinck (1996, p. 193-194) considera um descompasso entre o que o idoso sente dentro de si e o que acontece com seu corpo, porque “Quando menos espera, percebe que sua vista não mais alcança, o ouvido não mais ouve, a pele enruga, os cabelos caem, o peso torna-se um problema e só a alma permanece jovem”.

Contraopondo-se à ideia de envelhecimento, tem-se a envelhescência como condição do sujeito de se dedicar a ressignificar sua própria história, de forma que possa se encontrar com o corpo que envelhece. Trata-se, portanto, de uma tentativa de lidar com o desencontro entre o inconsciente atemporal — a mente que não está sujeita aos sinais do processo de envelhecimento — e o corpo que apresenta diversas mudanças ao longo desse processo (BERLINCK, 1996).

Destarte, levando em consideração o contexto apresentado, este artigo propõe que sejam feitas reflexões acerca do envelhecer na contemporaneidade.

## 2 Desenvolvimento

Envelhecer no mundo contemporâneo caracteriza-se como um processo complexo e heterogêneo, considerando-se que, por um lado, é único e singular em sua essência, e, por outro, se assinala como universal, principalmente por envolver mudanças intrínsecas ao desenvolvimento humano natural (NERI, 2001). Entretanto, o modo como cada sujeito envelhece relaciona-se diretamente com o contexto social, histórico e cultural que perpassou o decurso individual de sua vida (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

O processo de envelhecimento humano possui suas peculiaridades e estabelece uma correspondência direta entre a maneira como as pessoas envelhecem e a representação que uma determinada cultura institui sobre o envelhecer.

Nesse sentido, trata-se de um processo que consiste na integração entre as experiências individuais do sujeito e o contexto sociocultural em que se insere. Em outras palavras, o modo como o sujeito experiencia o próprio envelhecimento é resultante de suas experiências anteriores, não havendo uma homogeneização da velhice. Por conseguinte, envelhecer é uma experiência individual que pode ser vivenciada de maneira positiva ou negativa. A conotação atribuída a essa experiência sofre um forte impacto de valores e princípios contraditórios vigorantes na contemporaneidade. Tais concepções rejeitam a existência da velhice, supervalorizando o novo e descartando o velho (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

De acordo com Neri e Freire (2000, p. 8), “Na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência”. Na contemporaneidade, observa-se a valorização intensa de atributos como beleza, juventude, autonomia, consumo e produtividade, constantemente fortificados por uma cultura midiática que, por meio do apelo ao consumo e da estetização da vida, contribui para que haja uma conotação negativa em relação ao envelhecimento (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Assim, a visualização e o entendimento do idoso como sujeito incapaz apresentam-se apenas como reflexo das exigências do mundo contemporâneo, em que o pragmatismo, a produção, o consumo e a supervalorização da juventude representam as bases que sustentam essa lógica (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

A partir disso, compreende-se que estabelecer critérios para se definir o início da velhice é uma tarefa delicada, considerando-se que as diferentes formas de envelhecer associam-se às características individuais e ao contexto no qual a pessoa que envelhece encontra-se inserido. Desse modo, estudos que tratam da referente temática devem evitar generalizações em relação à velhice, buscando, sobretudo, contemplá-la em sua complexidade.

O envelhecimento humano é entendido por meio de aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Devido à complexidade dos aspectos que envolvem o fenômeno, a idade cronológica deixa de ser o fator principal para a definição da velhice. De acordo com Schneider e Irigaray (2008), existem marcadores mais significantes do envelhecimento humano, dentre os quais se destacam a vida pessoal, familiar e profissional dos sujeitos. A quantidade de anos vividos é apenas um registro da passagem do tempo, razão pela qual não é suficiente para balizar ou servir como critério principal de definição da velhice, na medida em que existem variações significativas na maneira como cada um vivencia esse processo, mesmo que sejam avaliadas pessoas da mesma idade.

Para se refletir sobre o processo de envelhecimento, faz-se necessário, principalmente, analisar a relação deste com a sociedade, uma vez que o sujeito se constitui ao longo de sua vida inserido no meio social. Afinal, cada etapa da vida possui um componente social diferente, influenciando o indivíduo a moldar-se em função das transformações decorrentes de cada período do desenvolvimento humano (ALVES; MOREIRA; NOGUEIRA, 2013).

Sendo assim, o envelhecimento é um processo multifatorial, não havendo uma padronização do seu estabelecimento. Contudo, observa-se a existência de pressão social para a adoção de um modelo comportamental a ser seguido nas mais variadas fases da vida. As regras sociais impõem os comportamentos “adequados” para crianças, adolescentes, adultos e idosos, que integram o tempo social imposto desde o nascimento, em que se evidencia uma espécie de padrão determinante quanto a circunstâncias da vida, a exemplo de idade para o ingresso na escola, a inserção no mercado de trabalho, o casamento, a constituição de uma família e a aposentadoria (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

O processo de envelhecimento, do ponto de vista social, acontece no âmbito da relação entre os marcos estipulados culturalmente e as mudanças biológicas, psicológicas e sociais ocorridas na vida do sujeito que envelhece. O padrão mencionado atua como uma espécie de relógio social que, por sua vez, estabelece supostas fases da vida para a realização de determinadas atividades, julgando o que é apropriado e inapropriado para idades específicas. Esse relógio social é internalizado pelo sujeito, de forma que atua como profecia autorrealizadora, ou seja, o próprio sujeito reforça essas construções sociais (BAPTISTA, 2013).

Essa padronização socialmente imposta gera uma espécie de idade social que, segundo Neri (2001), compreende o grau de adequação que o sujeito demonstra em relação aos papéis sociais que se espera de pessoas da sua mesma faixa etária, assim como os que compartilhem da mesma cultura, gênero, classe social e momento histórico. Nessa conjuntura, os marcos sociais reforçam a ideia de que a aposentadoria é o evento que demarca o começo da velhice, pois, no momento em que o sujeito se aposenta, entende-se que ele reduz significativamente sua produtividade econômica, contribuindo para a construção do rótulo de que o idoso é inativo e improdutivo.

Essas determinações sociais perpassam uma conotação negativa de tornar-se idoso. A experiência de envelhecer assemelha-se a uma luta constante, na qual o idoso busca a aceitação de si mesmo, deparando com a dificuldade de vivenciar o envelhecimento como percurso natural da vida. Entretanto, nas sociedades atuais, caracteristicamente individualistas e narcisistas, a velhice é excluída e desvalorizada (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

O meio social atribui valor ao sujeito produtivo para a lógica capitalista, excluindo o idoso pelas dificuldades que muitas vezes apresenta para acompanhar o ritmo acelerado exigido pelo sistema. Desse modo, o envelhecimento é investido de sofrimentos e estigmas, passando a ser percebido como algo indesejável, especialmente pelo sujeito que envelhece, como explicam Schneider e Irigaray (2008, p. 587):

Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda.

Diante desta realidade estigmatizante, observa-se uma exaltação da jovialidade regida pelo *marketing* da eterna juventude. Essa exaltação determina os padrões sociais a serem seguidos por todos a qualquer custo, sobretudo por pessoas idosas, que, por temerem o estigma de “ser velho”, são movidas facilmente por tais padrões (GUSMÃO, 2001).

Vale ressaltar que a imposição desses estigmas determina a formação de uma imagem deteriorada do sujeito estigmatizado. Dentre as desvantagens resultantes para esse sujeito, Andrade (2011) destaca a perda de identidade social, bem como a redução de oportunidades nas diversas situações da vida. Por essa razão, observa-se com frequência, no contexto capitalista contemporâneo, a degradação do sujeito que envelhece que, em geral, perde ou transforma a própria identidade, tornando-se descartável (ANDRADE, 2011). Dessa maneira, o “[...] estigma é uma opinião feita e que de forma simplista não passa de uma generalização em relação a um grupo de indivíduos ou objetos” (ALVES; MOREIRA; NOGUEIRA, 2013, p. 4).

É importante esclarecer que o envelhecimento saudável é uma jornada e não apenas um fim. Trata-se de um planejamento que deve contemplar a história, os atributos físicos e as expectativas pessoais dos viajantes (TEIXEIRA; NERI, 2008).

A idade psicológica é definida pelo senso e o julgamento subjetivo da idade, compreendendo, dessa forma, a maneira como cada um percebe e vivencia as características naturais do envelhecer, especialmente as perdas biológicas, sociais e psicológicas.

A idade psicológica consiste na “[...] maneira como cada indivíduo avalia em si mesmo a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos da idade, com base em mecanismos de comparação social mediados

por normas etárias” (NERI, 2005, p. 43). Diz respeito à forma como o sujeito enfrenta as transformações que vivencia, em geral, congruente com a maneira como viveu em outras épocas de sua vida. Os idosos que desenvolveram, ao longo de suas vidas, a capacidade de se adaptar a novas situações possuem a resiliência como fator protetor para o sofrimento e a rejeição da velhice, essencial para um envelhecimento saudável. Quando aqui se refere à resiliência, considera-se que abrange os processos individuais, grupais e organizacionais que esclarecem a “superação” de adversidades e crises de diversas ordens (YUNES; SZYMANSKI, 2001).

A perspectiva negativa deste processo da vida possui como pilares de sustentação o primado estético de uma sociedade narcisista, que tem como valores apreciados a beleza do corpo, a capacidade produtiva, o dinamismo, a força e o novo, alimentando-se da fantasia da juventude eterna. Os estereótipos acerca dos idosos tiveram profundo impacto na maneira como as pessoas, individual e coletivamente, definem as possibilidades e limitações da condição humana (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

A representação do envelhecimento passou a ser associada à debilidade física e à perda de papéis sociais. O idoso assumiu uma identidade dependente, tendo sua imagem vinculada a perdas. Tais estereótipos têm forte efeito na vida dos idosos. A constante repetição acrítica dessas ideias se torna perigosa, na medida em que pode ditar comportamentos sociais, ocasionando a manutenção dos mitos (BAPTISTA, 2013).

O indivíduo estigmatizado apresenta características discrepantes em relação ao modelo imposto socialmente. Nessa perspectiva, o estigma mostra-se subsidiado pelo padrão de comportamentos e vivências estabelecidos e esperados pelos membros dessa sociedade. No tocante ao estigma referente ao envelhecimento, surgem expectativas e exigências que se apresentam de modo severo aos sujeitos (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

A internalização da imagem negativa pelo próprio idoso poderá ocasionar distintos prejuízos emocionais, conduzindo-o ao conformismo diante desses estereótipos negativos, que, por sua vez, podem promover o declínio de sua autoestima, contribuir para o surgimento da sensação de incapacidade, bem como induzir a deterioração da sua saúde física e mental. Rhoden (2013) observa que o mito de que todos os idosos são inúteis, fracassados e assexuados é parte de um modelo ultrapassado, que Schneider e Irigaray (2008, p. 3), no entanto, apontam que ainda se mantém neste novo século:

As concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas

e contraditórias. Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social.

O modo de envelhecer, seja ele saudável ou não, está diretamente associado ao conjunto de experiências individuais, considerando-se que a vivência positiva ou negativa da velhice apresenta-se em concordância com a história de vida do sujeito.

Segundo Salis (2013), envelhecer em vida constitui uma sabedoria maior, que transcende o conhecimento formal, permitindo a eternização do sujeito por meio da expressão de seu poder criador. O indivíduo só se torna imortal com a criação, ou seja, por meio das contribuições que faz ao mundo.

O autor trabalha a ideia de que se perdeu a “coragem de ser o que se é”, ou seja, de ser autêntico. Aponta que sair dessa possibilidade tem mantido sociedades de mortos vivos, que, para se libertarem da culpa de não corresponderem ao modelo imposto socialmente, precisam ser produtivos para o capital. Se envelhecer se manifesta no corpo, pode-se ficar velho sem se passar pela envelhescência. Prova disso é que, frequentemente, esbarra-se com velhos adolescentes, velhos jovens e jovens velhos.

De acordo com Berlinck (1996, p. 195), “A envelhescência é um momento muito específico, tal como a adolescência, que pode ser vivida de múltiplas maneiras. Esse encontro da alma sem idade com o corpo que envelhece só compõe a envelhescência se for vivido de forma mais natural possível.”

Partindo de uma visão psicanalítica, o autor conceitua envelhescência como o desencontro entre o inconsciente atemporal (mente que não envelhece) e as transformações do corpo, no âmbito da temporalidade, consistindo no desafio de se lidar de maneira naturalizada com fenômenos inerentes ao processo de envelhecimento. A mente não acompanha o processo de envelhecimento corporal, mas é capaz de criar estratégias para lidar com as mudanças físicas e sociais.

O termo envelhescência foi utilizado posteriormente pelo cronista Mário Prata (1997) em suas produções, para se referir à fase do desenvolvimento entre 45 e 65 anos. O escritor aborda o termo como uma fase específica do desenvolvimento humano. Assim como Berlinck, compara-a com a adolescência, quando observa que assim como o adolescente se prepara para a maturidade, o envelhescente elabora sua velhice iminente (PRATA, 1997). Dessa forma, a envelhescência é a fase anterior à velhice propriamente dita, consistindo, portanto, em um período destinado ao sujeito para se perceber próximo a essa

nova fase do desenvolvimento, para analisar suas novas possibilidades de vida e, assim, criar estratégias para lidar positivamente com esse novo período.

Para Soares (2012), a envelhescência é um processo no qual “[...] a pessoa sabe que não é mais jovem, mas ainda não se considera velha; revive um período de indefinição” (SOARES, 2012, p. 21). Quando a autora se refere a reviver a indefinição, alude à crise vivida na adolescência assinalada pela intensidade afetiva e emocional, pelas mudanças corporais e suas repercussões no meio social, características que se percebem presentes na envelhescência.

Poucos autores discutem acerca do termo envelhescência, muitas vezes confundido com envelhecimento. Para Soares (2012, p. 74),

O processo de envelhecimento que a priori é um fenômeno natural, nem sempre evolui segundo a cronologia, e se seu estereótipo se instala no imaginário, as fantasias de declínio muitas vezes se antecipam aos sinais aparentes do próprio processo em marcha, e a tomada de consciência do envelhecimento – cujas mudanças se anunciam no corpo – começa a se instalar em um tempo de caráter subjetivo.

Berlinck (2000) também diferencia envelhescência de envelhecimento, explorando a lógica de que a primeira nasce como consequência do segundo. O envelhecimento recebe uma conotação negativa ao ser associado à decadência; já na envelhescência, o sujeito se encontra em um lugar de pensar seu processo de envelhecimento – no que se considera “[...] um esforço solitário, que pode enriquecer o mundo interno do sujeito” (BERLINCK, 2000, p. 196).

Em suma, a envelhescência consiste em envelhecer preservando-se a dignidade e a autonomia, processo que exige do sujeito flexibilidade para lidar com as inevitáveis mudanças geradas pelo próprio envelhecimento. Prumes (2007, p. 37) ressalta, em sua investigação, que o ser envelhescente busca viver plenamente e considera o tempo como horizonte de possibilidades. O autor destacou que os envelhescentes estudados revelaram que a idade lhes trouxe mais experiência e autonomia, e negaram que a velhice é motivo de grandes preocupações, considerando-os “[...] pessoas que se cuidam, derrubam mitos e não se intimidam diante de novos desafios”.

Destarte, toma-se como compreensão, neste artigo, que o modo de envelhecer, seja ele satisfatório ou não, está diretamente associado ao conjunto de experiências individuais vivenciadas pelo sujeito, considerando-se que a vivência positiva ou negativa da velhice estrutura-se em concordância com a trajetória de vida, bem como com a maneira como determinada sociedade enxerga a velhice.

### 3 Considerações finais

Tomando-se como base o objetivo deste estudo, que consiste em refletir sobre o envelhecer na contemporaneidade, torna-se possível inferir que envelhecer é um fenômeno intrínseco ao ser humano, um processo no qual, apesar das ferramentas contemporâneas que visam burlar seus sinais, as mudanças inevitavelmente aparecem. Todos envelhecem, porém, poucos vivenciam essa velhice de uma forma que lhes seja satisfatória. Nesse sentido, a impossibilidade de controlar os efeitos do tempo no sujeito ainda causa angústia e sofrimento psíquico.

Ao longo das reflexões propostas neste artigo, ressalta-se o paradoxo existente na sociedade contemporânea, segundo o qual as diversas ciências (tecnologias) se empenham em ampliar a expectativa de vida, embora, ao mesmo tempo, não se mostrem preparadas para acolher os idosos. Pode-se dizer que parte do atual significado conferido ao idoso consiste na valorização do seu potencial de consumo, tendo em vista que o mesmo ainda permanece produtivo para o capital – visão que cria diversas estratégias de produção e serviços a fim de apropriar o idoso enquanto mercado consumidor.

A sociedade contemporânea a que aqui se refere supervaloriza o consumo, além de associar o valor humano à produção do lucro. O capitalismo produz um indivíduo que avalia a si mesmo pelos bens que possui; dessa forma, os efeitos desse tempo atuam sobre a subjetividade do ser, regulando a autoestima do sujeito atual. Esse contexto, portanto, impulsiona as causas de esgotamento emocional na atualidade.

O envelhecimento passa a ser evitado de diversas maneiras, assemelhando-se a uma doença que deve ser combatida, tratada ou vivida como um castigo do desenvolvimento humano – algo que deve ser prevenido. Nessa mesma perspectiva, a essência conceitual da envelhescência é obstaculizada, pois os significados de ser e existir, embora singulares, são intercedidos e influenciados pelas ideias dominantes estabelecidas pela cultura, no âmbito das quais o individualismo adquire valor predominante, de maneira que promove a alienação dos sujeitos, e não a formação de compromissos sociais.

O envelhecer apresenta-se acompanhado de uma história de vida, um dos aspectos fundamentais da maneira como o sujeito envelhece. É importante ressaltar que a representação da velhice enraizada na sociedade atual exerce forte influência na qualidade desse processo.

Portanto, a velhice permanece sendo um construto social, bem como o ser humano em sua essência, o que significa que diversos são os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que influenciam o estilo de vida, os

valores e os padrões sociais e, conseqüentemente, os modos de ser do sujeito e as estruturas psíquicas que o constituem.

Os idosos, nas sociedades contemporâneas, são silenciados e, em muitos contextos, vistos como problema social. Essa realidade faz com que muitos idosos cheguem ao fim de suas vidas sem aspirações próprias. Tratar a velhice dessa forma denuncia um fracasso social, porquanto os idosos chegam ao final de suas vidas sem experienciar autenticamente as possibilidades que ela oferece.

A envelhescência gera um processo de ressignificação e valorização da vida de forma a permitir que o envelhescente lide melhor com os obstáculos inerentes ao processo de envelhecimento. Assim, pode-se dizer que esse sujeito envelhescente se desenvolve sob uma lógica contrária à que se evidencia na dinâmica estigmatizadora do velho, de passividade e perdas, contribuindo, em longo prazo, para a quebra de paradigmas dessa natureza. Com isso, o envelhescente concorre para o desenvolvimento e manutenção de uma nova visão do idoso, na qual se reconhecem suas possibilidades de vida, valorizando-as.

Entretanto, as determinações sociais perpassam uma noção negativa de tornar-se idoso, assemelhando a vivência do envelhecer na contemporaneidade a uma luta constante, na qual o idoso busca aceitar a própria condição, deparando com a dificuldade de vivenciar o envelhecimento como percurso natural da vida humana. Em suma, os estigmas e mitos atuam como barreiras para o estabelecimento de uma velhice satisfatória; contudo, o que irá determinar a forma como o sujeito experiêcia o próprio envelhecer é o julgamento subjetivo que este faz da sua condição de idoso.

Por fim, o crescimento acelerado da população idosa se reflete em todos os planos da vida social, demandando um novo olhar para esse grupo etário, bem como a elaboração de programas e políticas sociais voltados para os idosos na sociedade contemporânea, tendo em vista as diversas barreiras para o envelhecimento satisfatório identificadas nestas reflexões.

## REFLECTIONS ON THE STIGMA OF AGING IN CONTEMPORARY TIMES

### abstract

The process of human aging has its peculiarities and establishes a direct correspondence between the way people get older and the representation that a particular culture institutes on aging. By these means, this article proposes a reflection on the stigma of aging in contemporary times. The results lead to the understanding of the

process of “becoming elderly” as an ambiguous experience, as far as the distinction between the subject in aging and the aging subject. Aging is accompanied by a story of life, and this is one of the fundamental aspects of the way the subject ages. The representation of the old age ingrained in current society affects strongly on the quality of this process. Elderly people in contemporary societies are usually seen as a social problem, a fact which leads to the distress of these people. The old age was observed as a social construct, in the same way as human beings in their essence, that is, aspects are diverse in the influence of lifestyle, values and social standards and, consequently, in people’s ways of being and the psychic structures that constitute them.

#### key words

Aging. Social Stigma. Contemporaneity.

#### referências

- ALVES, Sara; MOREIRA, Carmem Félix; NOGUEIRA, Sónia. Relações sociais, estereótipos e envelhecimento. *Actas de Gerontologia*, Porto, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2013.
- ANDRADE, Márcia Andréa Rodrigues. Estigma e Velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 79-97, mar. 2011.
- BAPTISTA, Maria Manoel Rocha Teixeira. Tempos de ser e ciclo vital: elaborações culturais contemporâneas. In: MARTINS, José Clerton de Oliveira (Ed.), *Seminário Ócio e Contemporaneidade: tempo social e envelhescência nas culturas contemporâneas*, 6., 22 e 23 de agosto de 2013, Fortaleza. Fortaleza: Unifor, 2013. (Não publicado).
- BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, São Paulo, n. 91, p. 5-8, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, sociológicas e psicológicas*. Campinas: Papirus, 2001. p. 113-139.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos Everaldo Alvares. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 11-24.
- MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008.
- NERI, Anita Liberalesso. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001. p. 11-52.

\_\_\_\_\_. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2005.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. Qual a idade da velhice? In: \_\_\_\_\_ (Org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000. p. 7-19.

PRATA, Mário. Você é um envelhescente? \_\_\_\_\_. *100 Crônicas*. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997. p. 13.

PRUMES, Cristiane Pasqua. *Ser deficiente, ser envelhescente, ser desejante*. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RHODEN, Ieda Maria. Tempos e estéticas do envelhecer. In: MARTINS, José Clerton de Oliveira (Ed.). *Seminário Ócio e Contemporaneidade: tempo social e envelhescência nas culturas contemporâneas*, 6., 22 e 23 de agosto de 2013, Fortaleza. Fortaleza: Unifor, 2013. (Não publicado).

SALIS, Viktor David. O tempo da envelhescência. In: MARTINS, José Clerton de Oliveira (Ed.). *Seminário Ócio e Contemporaneidade: tempo social e envelhescência nas culturas contemporâneas*, 6., 22 e 23 de agosto de 2013, Fortaleza. Fortaleza: Unifor, 2013. (Não publicado).

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008.

SOARES, Sílvia Salles Godoy de Souza. *Envelhescência: um fenômeno da modernidade à luz da psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2012.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira; NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 81-94, jan./mar. 2008.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, José (Org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

Recebido: 28/02/2014  
Aceite Final: 08/04/2015

